

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

são cem mil a olhar-me com aquele sorriso. Lutei, humilhei-me, fiz tudo para esquecerem, disse-lhes e repeti que os amava, que lhes tinha inveja, que os admirava. Nada a fazer! Nada a fazer! Sou filho de ricos, um intelectual, um tipo que não trabalha com as mãos. Pois bem! que pensem o que quiserem. Têm razão, é um problema de pele.» O único problema para ele será doravante o de salvar-se: não o de se lhes juntar, de se reagrupar a si e coincidir consigo, mas o de coincidir consigo, para se dissimular que não conseguiria juntar-se-lhes. Hugo está desesperado, parte vencido, adoptou uma atitude de falência, condenando-se realmente a apenas procurar a sua pessoal salvação — uma vã reconciliação no absoluto — através dos fins sucessivos que pretende visar: «Quiseste provar a ti próprio, dir-lhe-á Hoederer, que eras capaz de agir e escolheste um caminho difícil: como quando se quer merecer o céu. É próprio da idade. Não conseguiste: muito bem, e depois? Nada há a provar, como sabes. A Revolução não é uma questão de mérito mas de eficácia. E não há céu.» É o que Olga acabara de lhe dizer: O Partido não é uma escola nocturna. Não procuramos experimentar-te, mas dar-te um trabalho segundo a tua capacidade.» «Não somos escuteiros e o Partido não se fundou para te dar oportunidades de heroísmo.»

Ao encontro desta moral individualista, em que ninguém se preocupa senão com a salvação pessoal, com o seu próprio valor e méritos, em que os outros não contam senão como ocasião de virtudes solitárias, em que se não tem interesse por eles senão na medida em que nos inquietam e sentimos que nos contestam, ao encontro desta moral de intenção, desta moral burguesa, desta moral de intelectuais e de narcisos, Hoederer e Olga, ambos comunistas, professam uma moral da eficácia, uma moral dos resultados, em que a causa é que comanda, e ao serviço e ao interesse da causa deve o indivíduo sacrificar a preocupação orgulhosa de a si próprio se pôr à prova. Hoederer: «Há trabalho a realizar e é tudo. É necessário realizar aquele para que se têm qualidades: tanto melhor, se ele é fácil. O melhor trabalho não é o que te custa mais: é aquele em que serás melhor sucedido.» Olga: «Há um trabalho a fazer e é necessário que seja feito; pouco importa por quem.»

O intelectual está destinado ao malogro na medida em que, todo voltado para si, ele ergue o seu próprio problema entre ele e os outros homens, precisamente quando pretende preocupar-se com a sorte deles, consagrar-se à sua causa. Mas se,

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

pelo contrário, consegue superar o interesse pela sua redenção pessoal e a preocupação de se pôr a si à frente, de se fazer valer, de se sustentar da existência dos outros como um parasita, não se segue daí que cessem logo todos os problemas. Uma causa, por mais justa que seja, não poderá definir-se de uma vez para sempre, e os homens não deixam de concorrer para defini-la pela própria maneira que escolhem para servi-la; a sua escolha, sem dúvida, não será nunca arbitrária; mas eles não são também redutíveis a necessidades puramente objectivas. Preocupado espontaneamente com justificações, o intelectual que renunciou à boa consciência do santo e do que procura ganhar merecimento poderá ele satisfazer-se com essoutra boa consciência que é a do soldado e do que presta serviços?

«Fatigado de fingir de duro, um chefe de gang decide dar uma cabeçada e fazer a sorte dos deserdados. Os estragos são consideráveis. Segundo as últimas notícias, parece que o insensato abandonou o sinistro projecto e consentiu em retomar o exercício da sua profissão.»

O que me interessa neste *fait-divers* é que ele só podia ter sido redigido por um jornalista de tendência revolucionária. Jo-Jo-Terror pode bem virar o fato do avesso e tornar-se um émulo do Padre Pierre, e não poucas pessoas sérias serem ludibriadas com isso, e o governo no Poder sentir-se mais à vontade para dar a primazia, entre os seus inumeráveis cuidados, ao de prosseguir a guerra no cabo do mundo — não é decerto da parte do *Figaro* que hão-de vir as queixas. Mas suponhamos que Max, o cabecilha de *Touchez pas au grisbi!*, trocando o mundo dos «fora-da-lei» pelo das casas de prostituição, pretende além disso tornar-se um freguês modelo de lupanares e constituir aí uma oficina-modelo, à inteira disposição dos seus operários: quase se podia apostar em como as organizações sindicais e o Partido comunista veriam com maus olhos essa manifestação de generosidade. É certo que eles não gostam muito de *gangsters*; mas — sendo a sociedade o que ainda é — podemos ter a certeza de que os preferem aos ilusionistas. Acrescente-se a isso que o meu *fait-divers* não põe o dedo no essencial e que, no *Le Diable et le Bon Dieu*, Goetz não se torna um *gangster*: torna-se um chefe militar, mas para se pôr ao serviço dos camponeses, em luta contra os senhores.

A princípio, Goetz praticava o Mal. Ou pelo menos julgava praticá-lo... Só, em face de Deus, pretendia ser o Diabo. Con-